

# APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DO LIVRO NO BRASIL: Uma aventura pelos anos de 1930 a 1950

Marília de Araujo Barcellos

A partir de questões que correspondem a um maior entendimento da vida e da história pertencentes ao sistema literário de um país, pode-se desenvolver e compreender melhor a expressão cultural de uma nação. Daí a pergunta: como estudar literatura sem perceber a existência de um sistema que, em meio a toda uma multiplicidade, envolve tantos fatores em seu campo, sem se realizar uma reflexão, sem voltar um olhar para aqueles que, com sua atuação, colaboraram para a formação de tal sistema? Resta reservar um espaço de discussão na academia para reacender o debate sobre tais questões.

Compreender a cultura nacional pressupõe, dentre outras coisas, investigar a literatura escrita e publicada no Brasil. A história do livro e dos elementos que compõem o sistema literário pressupõe o entendimento de muitos aspectos, dentre esses, a inserção do estudo da materialidade do livro que se encontra na literatura e seu suporte, no contexto ao qual atuam os agentes envolvidos na produção da literatura etc. Em suma, na existência de elementos extraliterários que contribuem para a formação de tal sistema e que constituem o campo literário brasileiro.

Regina Zilberman, ao abordar o tema, aponta para a importância da equivalência entre leitura, livro e literatura, no sentido de atribuir ao suporte uma materialidade e aferir ao autor o direito de propriedade

o livro é fruto de um trabalho coletivo e [...] começa com o responsável pelo texto verbal, mas pressupõe o empresário e o editor, a que se somam revisores, capistas, ilustradores, tradutores, cada um convocado num dado momento da produção; depois de pronta a obra, interferem distribuidores e livreiros (Zilberman, 2001: 109).

no qual acrescentaria a recepção com o consumidor; público leitor comum e a crítica especializada, quando se reúnem acadêmicos, intelectuais e jornalistas.

Os estudos sobre a história do livro no Brasil são muitos, alguns apontam para personalidades marcantes e instigantes como Monteiro Lobato e Ênio Silveira, dentre tantos outros; tais investigações levam ao estudo de práticas de leitura e da escrita e induzem à formação da história do livro. Algumas vezes as pesquisas percorrem a história da leitura, outras, voltam-se para a indústria e para o mercado editorial, é nessa última vertente que vamos atuar.

Pouco se comenta sobre a relevância de Érico Veríssimo como editor e agente mediador literário, mas foi através da Editora Globo e do trabalho elaborado a partir da década de 30, com uma equipe de profissionais considerável, que essa editora abriu uma fatia no mercado para literatura estrangeira e para novos papéis como o campo da tradução.

Cabe registrar a evolução do escritor como profissional do livro, porque se constata que Érico Veríssimo exerceu diferentes posições no campo literário, o que comprova sua capacidade de atuar em múltiplas frentes, seja como editor, autor, tradutor e até mesmo como conselheiro sentimental, conforme ocorreu, por exemplo, durante sua participação na *Revista do Globo*. Em virtude dessa múltipla competência, sua atividade profissional viabilizou seu meio de sustento e subsistência, situação rara entre os escritores do período o que torna a posição de Érico Veríssimo paradigmática.

O presente texto aponta para as relações do sistema literário a partir da atuação do escritor Érico Veríssimo como profissional e intelectual das letras, entre os anos de 1930 a 1950 como editor da *Secção Livraria do Globo*. O trabalho em comunhão com o editor Henrique Bertaso, em conjunto com o grupo de profissionais que ali se encontrava, resulta na inserção da Globo entre as maiores editoras do país. Henrique Bertaso oportunizou um ambiente de profissionalismo e confiança na empresa e Érico Veríssimo soube acolher os ideais desse empreendedor. Ao lidar com as traduções, torna-se, dessa forma, um mediador de

culturas, tanto através de sua obra como da difusão e circulação da produção de outros autores. A partir de Érico, obras de autores como Aldous Huxley, Marcel Proust, Virginia Woolf, Roger Martin du Gard e Thomas Mann foram selecionadas para integrar o catálogo da Editora.

Ao apropriar-se de abordagens desenvolvidas por Pierre Bourdieu através das ciências sociais, procura-se aprofundar dados e responder à questão de como um certo agente chegou a ocupar determinada posição no campo literário.

Reflexões como as do Professor Antônio Cândido procuram encaminhar o estudo da literatura para uma perspectiva histórica relacionando aspectos da sociedade. Em sua obra, *Antônio Cândido* (e antes dele, outros) aponta para a tríade autor, obra e público, na qual inserimos um outro elemento: o editor, que compõe a rede de relações no campo literário no qual o escritor Érico Veríssimo se encontra.

Estudos contemporâneos como os de Siegfried Schmidt apontam para uma proposta de ações literárias que remete à combinação entre quatro elementos formadores do sistema: a produção, a mediação, a recepção e o processamento de textos literários. No qual o conceito de literatura é construído a partir de um conjunto de sinais e sintomas que refletem criticamente uma situação, um quadro texto-ação e localizam fenômenos; na maioria das vezes, textos que os agentes consideram literários. Tais pressupostos sugerem reflexões. Heidrun Olinto pondera a respeito do tema:

A produção é a condição prévia da transmissão e a antecede; do mesmo modo, esta garante a recepção subsequente que, por seu lado, é pressuposta para o processamento posterior. No âmbito deste relacionamento, o sistema acional explícita, portanto os papéis de indivíduos que lidam com textos literários [...] Um texto vive como texto literário tão somente nestas constelações acionais sociais concretas em sistemas históricos definidos por determinados processos de socialização e de determinadas necessidades, capacidades cognitivas, sentimentos, intenções e motivações gerais e, ainda, por condicionamentos políticos, sociais, econômicos e culturais que correspondem aos 'sistemas de pressupostos' de sua ação. Agentes o julgam e lhe atribuem sentido em função destas articulações (Olinto, 1989: 30).

As referências indicadas no estudo sobre Érico como editor da Globo, fluem do sistema de inter-relação entre elementos diversos ao texto literário e a composição do momento histórico, situação e contexto no qual estava inserido.

## 1. ÉRICO VERÍSSIMO: A TRAJETÓRIA DESSE AGENTE MEDIADOR

Em praticamente dez anos, de 1930 a 1940, Érico Veríssimo conquistou a indústria do livro, o mercado consumidor e ocupou uma boa posição no campo literário. Nessa década, Érico submeteu-se a funções puramente operacionais. Exemplo disso foi a experiência na *Revista do Globo*, na qual percebemos que o escritor assumia o papel de conselheiro sentimental e tapa-furos poéticos. Publicação mais social que literata, a *Revista do Globo* deixava nosso escritor desanimado. Érico escreve sobre o seu cotidiano nesta tarefa:

Em cima de minha mesa achavam-se os meus melhores colaboradores: a tesoura e o vidro de goma-arábica [...] Eu tinha que encher a revista praticamente sozinho, pirateando publicações alheias, de preferência estrangeiras (Veríssimo, 1973: 24).

A qualidade literária era o que menos importava. A pauta concentrava-se nos eventos sociais do Estado, como carnaval, festas de clubes, fotos de senhoras e senhoritas, e continha também um espaço para publicar sonetos de coronéis reformados ou coletores aposentados. Não era exatamente o que Érico esperava como intelectual autodidata, mas era a oportunidade de permanecer de alguma forma no campo de produção e difusão literária.

No final dos anos 30, alcança fama e sucesso, tanto no campo da difusão quanto no da produção. Conforme declara no livro *Solo de clarineta*, este é

um momento de reconhecimento nacional e de popularização com a publicação, em 1939, de *Olhai os lírios do campo*, considerado best-seller de vendas da época: “livro que, do ponto de vista de vendas, foi decisivo na minha carreira de escritor” (Veríssimo, 1974: 267).

Autografa em São Paulo, vende duas tiragens consecutivas e deixa a Editora Globo e livreiros felizes. O sucesso de vendas no campo da indústria cultural oportunizou para a Editora o investimento em produção no campo erudito com a orientação e o auxílio de Érico.

O fato é que, agora, o funcionário que fora tão bem sucedido com seu último livro contava, mais do que nunca, com a confiança dos Bertaso. Assim, no início de 1940, como editor, ele dá um salto para a publicação de autores estrangeiros consagrados. A repercussão na instância de circulação permitiu à Editora Globo a possibilidade de atuar no mercado com livros de alto valor intelectual, entrando na instância de consagração através do campo de produção erudita. É a partir dessa estabilidade profissional que acompanhamos uma crescente mudança na rotina da Livraria do Globo, principalmente no que diz respeito à posição dessa empresa no campo de bens simbólicos.

Érico Veríssimo ocupou espaço tanto nas instâncias de poder, quanto na área literária. Embora não tivesse curso superior (fator pouco relevante profissionalmente para o início dos anos 30), ele, através da família, teve acesso a fontes importantes para sua formação. Leituras feitas na pré-adolescência e os livros da biblioteca paterna à mão, dentre outras coisas, possibilitaram essa aproximação com o campo literário. Os romancistas que não obtiveram a formação de curso superior foram absorvidos profissionalmente pelo campo da produção artística, como, por exemplo, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos e Lúcio Cardoso:

Dentre as mudanças que irão afetar a definição social do trabalho intelectual na conjuntura dos anos 30 e 40, a mais importante delas refere-se [...] à possibilidade que encontram alguns escritores de dedicar-se à produção literária enquanto sua principal atividade profissional (Miceli, 1979: 121).

O sociólogo Sérgio Miceli chama a atenção ainda para o fato de alguns escritores, como Érico Veríssimo e Graciliano Ramos, terem iniciado sua vida profissional através do comércio, e aos poucos irem ocupando instâncias maiores no campo literário.

Como produção de Érico Veríssimo entendemos seus livros de ficção, as traduções, centenas de artigos para revistas, jornais, e outros meios de difusão literária. Além disso, conquistou, juntamente com Dyonélio Machado, João Alfonsus Guimarães e Marques Rebelo, o prêmio *Machado de Assis* com o título *Música ao longe*.

Entre as leituras de sua formação encontramos: Machado de Assis, Eça de Queirós e autores franceses. Ao observarmos o cabedal de leituras feitas por Érico a partir de seus dez ou doze anos encontramos autores como: Júlio Verne, Eça de Queirós, Dostoiévski, Tolstói, Walter Scott, Émile Zola, Aluísio de Azevedo, Coelho Neto, e Machado de Assis. Aos dezoito lia Júlio Ribeiro, Euclides da Cunha e Monteiro Lobato.

Buscou trabalho em Porto Alegre encontrando o seu destino de editor na Livraria do Globo. Mansueto Bernardi era o editor da *Revista do Globo* e estava de muda para o Rio de Janeiro para atuar no governo provisório de Getúlio Vargas. A passagem da *Revista* para a Editora Globo ocorreu sem data certa atendendo, aos poucos, à solicitação que lhe fazia Henrique Bertaso. Iniciado seu trabalho na Globo, convivendo em meio aos intelectuais das letras rio-grandenses atuantes na época, como Augusto Meyer e Mansueto Bernardi, foi firmando sua posição, alcançando assim, instâncias mais abrangentes no campo literário. Depois de publicar *O resto é silêncio* (1943), Érico Veríssimo aceitou um convite para dar aulas no exterior, afastando-se temporariamente da Globo. Em suas viagens, Érico se encontrou com vários autores da editora, teve a oportunidade de conhecer a escritora Prêmio Nobel, Pearl Buck, e tantos outros como Thomas Mann, Walt Disney e Aldous Huxley.

A influência permaneceu anos após sua saída. Em pesquisa realizada no Acervo Literário de Érico Veríssimo (ALEV), integrante do centro de pesquisas literárias da PUC-RS, encontram-se entre os destinatários de sua correspondência John Dos Passos, Jorge Amado, Autran Dourado, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Juan Carlos Onetti, Clarice Lispector, Somerset Maughan, dentre outros. Tal acervo reúne cartas enviadas a Henrique Bertaso quando comenta e sugere publicações: "Desde que cheguei a Hollywood tenho estado a falar em livros [...] Os que valem à pena considerar para tradução são..." e traçava uma série de títulos. (08/11/1943). Ou ainda, registram a comunicação constante com amigos no Brasil:

Acabo de receber vastos envelopes do Rio com listas da Editora, programa para 44 e o Roteiro para os escritórios de Rio e São Paulo. Tudo ótimo. Achei o roteiro muito bem feito. Relendo o programa cheguei mais uma vez a convicção de que em 'qualidade' ninguém nos bate. Também em ecletismo vamos na frente dos outros. Essa história de comprar best-seller não é a melhor política. O essencial é comprar livros que são bons agora e sempre. Outro ponto: tratar de vendê-los na maior quantidade possível (San Francisco, 20 de março de 1944).

Enquanto residia nos Estados Unidos, ele foi consultado para opinar a respeito de projetos de publicação no Brasil e também para editores americanos: "o *coordinator* quer encarregar autores brasileiros (pensam em Lobato, Jardim e eu) de escrever livros para crianças brasileiras sobre os Estados Unidos. Topei..." (08/11/1943).

## 2. A PROGRAMAÇÃO EDITORIAL PARA OBRAS TRADUZIDAS

*[...] fui eu quem escolheu os autores... Thomas Mann, André Gide, Charles Morgan, G. K. Chesterton, Willa Cather, Norma Douglas, Aldous Huxley, Romain Rolland, Roger Martin du Gard, Sinclair Lewis, William Faulkner, Pearl Buck, Graham Greene, James Joyce, Katherine Mansfield...*  
Veríssimo (2000: 299-300)

No período em que, na Editora Globo, foram publicadas muitas traduções, podemos acompanhar uma série de medidas, por ele efetuadas, que instituem o autor como agente literário da cultura brasileira, tais como: a seqüência de tarefas para a edição dos livros, a organização da programação editorial para obras traduzidas, a estratégia da seleção e elaboração dessas publicações. Além disso, acompanhava o processo de produção do texto até o produto final. Sabemos que obras de grandes autores foram por ele eleitas e também percebemos que a qualidade com que foram lançadas no mercado deve-se, e muito, à competência com que ele conduzia as suas tarefas editoriais. Érico, como profissional, atuava em múltiplas atividades editoriais: selecionava obras estrangeiras; indicava autores; descobria os tradutores; fiscalizava a tradução; estudava o formato do volume, escolhia o desenho da capa e o tipo de composição do texto e planejava o lançamento da publicação.

Ao selecionar o texto, Veríssimo faz a primeira 'leitura' da obra para, em um segundo momento, escolher o interlocutor do texto no novo idioma, no caso, em português. O tradutor deverá transcender as barreiras culturais e produzir o texto dentro da realidade do país importador.

Como conselheiro editorial e editor da *Revista do Globo*, fazia parte de sua rotina, entre outras atividades, traduzir textos (que nem sempre estavam de acordo com o seu gosto pessoal), e fazer a seleção e acompanhamento de outras traduções. A partir de várias leituras, podemos apontar algumas de suas traduções: umas com o seu nome e outras sob pseudônimo. Ao todo, mais de cinquenta obras, como *Contraponto*, de Huxley, *Adeus, Mr. Chips*, de James Hilton, *Felicidade*, de Katherine Mansfield e *Ratos e homens*, de John Steinbeck. Traduziu também *Alemanha Fascista ou Soviética*, de Knickerbocker. O tempo dedicado às traduções era bastante extenso.

Na história da escrita se tem conhecimento do quanto as práticas evoluíram. Tanto na tradução quanto na criação de texto, processos de feitura do

livro constituíam-se de tarefa a longo prazo. Érico levou oito meses para traduzir em torno de 400 páginas do livro *Contraponto*, de Aldous Huxley.

Textos assinados por um certo *Gilberto Miranda* na *Revista do Globo*, também faziam parte do trabalho do escritor: “trata-se duma ‘personalidade de conveniência’ [...] para emprestar seu nome a qualquer empreendimento literário, por mais medíocre que seja...” (Veríssimo, 1973: 58).

### 3. LIVRARIA DO GLOBO: A GESTAÇÃO DA EDITORA GLOBO

A Editora Globo surge como um setor da Livraria do Globo, fundada em Porto Alegre em dezembro de 1883. Eram sócios o Sr. Laudelino Pinheiro Barcellos e o Sr. Saturnino Alves Pinto, da empresa L. P. Barcellos & Cia.

Em 1909 a compra de equipamento gráfico fez o diferencial da Globo em relação à concorrência. Foi com a primeira linotipo que a empresa agregou qualidade e tecnologia às livrarias existentes no Rio Grande do Sul. O jovem José Bertaso demonstrava espírito empreendedor prevendo, com a primeira Grande Guerra, a escassez de papel, sugere ao dono da livraria o investimento na importação de papel. José Bertaso passou de 15% de participação na empresa à função de sócio-diretor em dezembro de 1917, agora Barcellos, Bertaso & Cia.

Com a tecnologia importada iniciou-se a edição do *Almanaque Globo* e, em seguida, a publicação de autores rio-grandenses. O *Almanaque* foi editado sob os cuidados de João Pinto da Silva e contrataram Mansueto Bernardi para, além de atuar no escritório, ajudá-lo na empreitada. Ele segue como editor da Globo até 1930, quando contrata Érico Veríssimo para a *Revista do Globo*, formalizando sua saída para o Rio de Janeiro.

Tal administração apresentava uma gestão voltada para os autores gaúchos, beneficiando o campo de produção local. Com a entrada de Érico Veríssimo na Livraria, ocorrerá uma produção mais dirigida ao que corresponderá mais tarde à linha de prestígio literário.

Salvo a edição de *Contraponto* de Aldous Huxley em 1933, a audácia editorial permanece recolhida até as vésperas de 40, quando o sucesso e a popularização de *Olhai os lírios do campo* garante à casa uma venda significativa. A *Coleção Amarela* – conjunto de literatura policial – e a *Revista do Globo* constituem-se em leituras de entretenimento e mantinham-se voltadas para um público leitor de colunas sociais, afastando-se do público intelectual e especializado da área.

O Rio Grande do Sul não pode desconsiderar a proximidade limítrofe com países de colonização espanhola, o que explica que, devido à situação fronteiriça, tenha uma forte influência de outras culturas. Ao mesmo tempo, este fator geográfico constitui certa dificuldade em ingressar no mercado nacional do livro. Na época Maurício Rosenblatt<sup>1</sup> defendia que o Estado, por localizar-se no extremo sul, teria que ir atrás do que estava acontecendo no mundo. Esta conexão cosmopolita de forma alguma deixa de valorizar a produção local. Ao contrário, a vida cultural no sul, a tradução de obras e a reprodução de outras literaturas progrediam, juntamente com pares do campo literário da cultura brasileira. Havia, na Editora, uma relação muito próxima com profissionais de outros estados brasileiros. Ocorre a interação do campo de produção brasileira com a literatura estrangeira, logo, intelectuais do porte de Mário Quintana, Paulo Rónai, Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Érico Veríssimo se transformam em exemplos de agentes mediadores na instância de produção da literatura brasileira. A linha editorial da Globo se dirigia a dois segmentos mais definidos: as coleções e os livros didáticos.

Negociar com agentes e autores estrangeiros diretamente de uma cidade desconhecida no extremo sul do Brasil, nem sempre foi uma tarefa muito fácil. Henrique Bertaso um empresário de “boa índole”, que optou por tomar determinadas decisões em função de seus objetivos, marca sua gestão por gestos solidários para com seus funcionários, com autores locais e estrangeiros. Vale lembrar acontecimentos registrados em livros de memórias que contam histórias sobre a relação do editor Henrique e seus escritores. Temos o caso não só de Érico,

mas também de Pearl Buck, Somerset Maughan, João Simões Lopes Neto entre tantos outros. Bertaso, por exemplo, durante um determinado tempo, complementou o salário de Érico Veríssimo só para tê-lo na editora. Outrora, em *Um certo Henrique Bertaso*, Érico relata a aventura dos editores lançando-se à audácia para conseguirem os originais de Pearl Buck. Eram dois editores que conseguiram os direitos de um Prêmio Nobel de 1938 por US\$ 50,00 argumentando estarem na "condição de editores pequenos, perdidos numa remota província dum remoto país chamado Brasil" (Veríssimo, 1973: 80); anos mais tarde, oportunamente contaram à autora o acontecido e refizeram as condições de pagamento. A Globo confiava nos contatos, chegou, ingenuamente, a tratar com agentes internacionais, confiando-lhes dinheiro que jamais chegaria aos autores. Talvez o escritor Somerset Maughan nunca tenha recebido o montante dos direitos autorais remetidos pela Ed. Globo ao seu "agente" nos Estados Unidos. Tal autor declarou o desconhecimento das publicações brasileiras, e somente assim, os editores descobriram a fraude do agente americano. Em tempo de restabelecer contato diretamente com o autor.

#### 4. LINHA EDITORIAL

Ao fazer uma avaliação da relação do investimento editorial com o retorno financeiro da Editora, pode-se observar que, mesmo com o leque de possibilidades que oferecem as coleções, Érico Veríssimo e Henrique Bertaso passaram por momentos de acertos e enganos no que se refere à escolha da publicação de determinado autor ou título. A partir do critério "vendas", podemos relacionar uma série de títulos que alcançaram uma expectativa no mercado e outros que, embora tenham dado prestígio à Globo, não trouxeram retorno financeiro, segundo declarações registradas por Érico em suas memórias.

Por vezes, a Editora deixou de publicar originais que, mais tarde, obtiveram grande repercussão nos dois setores: vendas e prestígio.

Na literatura estrangeira podemos citar alguns exemplos de surpreendente sucesso (pois mesmo sem muito crédito tiveram boa venda); que não chegaram a isso (porque deixaram de publicar); de grande fracasso (apesar da esperança de ser um bom investimento). O olhar do Sr. José Bertaso alertava para o pouco retorno econômico à empresa.

*Contraponto*, de Aldous Huxley, vendeu 27.000 exemplares. Através da indicação de Augusto Meyer, a publicação deu certo. Nem mesmo Érico sabia, quando sugeriu a publicação, da tamanha repercussão do livro. Foi um golpe de sorte, pois na primeira metade da década de 30, as traduções ainda não eram a linha mestra da Editora Globo.

Dos originais recusados *E o vento levou...*, de Margaret Mitchell, foi traduzido pela Pongetti, RJ e *O pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry, pela Editora Agir. Erro de avaliação? Dois livros estrangeiros, o primeiro, considerado muito especificamente americano segundo Érico, e o outro, sabe-se lá por quê.

Dentro do critério "vendas", foram exemplo de livros com prestígio, mas pouca vendagem: Virginia Woolf em *Orlando e Mrs. Dalloway* e Edgar Allan Poe, *Obras completas* em três volumes.

A Editora Globo, no campo literário, inovou no sentido de publicar obras com temáticas contemporâneas, atuais e ainda pouco exploradas. Houve sincronicidade entre a publicação de algumas obras e os acontecimentos históricos. Érico comenta:

Foi Henrique quem em 1934 (a TV comercial só começou em 1947, nos Estados Unidos) teve a idéia de publicar um livro de Arturo Castellani intitulado *Televisão*. Hoje em dia estão em pauta os problemas da ecologia. Pois bem, em 1937 a Globo lançava um livro sobre o assunto, intitulado "Os aproveitadores da natureza" (Veríssimo, 2000: 299-300).

Este tipo de iniciativa provavelmente contribuiu para que a empresa ocupasse uma posição de destaque no campo literário.

Além do departamento de vendas, a Globo mantinha seu setor editorial com um departamento de informações sempre ativado: o *Serviço Globo de*

*Divulgação Literária*, que circulava material (artigos políticos, de literatura, etc) nos mais diversos jornais do país, em pelo menos 360 veículos de mídia impressa, que, em contrapartida, alimentava espaço para seus lançamentos e novidades.

O investimento em propaganda ocorria, além da *Revista do Globo*, em anúncio de página no jornal *Correio do Povo*, em catálogo da editora e em cartazes e folhetos; por exemplo, a Coleção Globo, que era anunciada com cartazes e a Coleção Universo, com propaganda em folhetos. A Editora Globo contava com a *Revista do Globo*, o jornal *Correio do Povo*, a revista *Província de São Pedro* e com outros espaços de circulação para divulgar seus produtos.

A Globo tinha em sua estrutura um departamento editorial bastante organizado que contava com uma equipe de gráficos, tradutores e escritores qualificada e profissional.

Com a inexistência, na época, da função chamada *designer* gráfico, o papel profissional foi assumido por ilustradores, artistas plásticos e profissionais das artes. Alguns nomes como Edgar Kletner, João Fahrion e Carlos Scliar figuravam entre os ilustradores e capistas da Editora.

Quanto à estrutura física, em 1940 a empresa apresentava a Matriz com aproximadamente 700 funcionários; com filiais em 3 cidades do interior do Estado e depósitos em São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Fortaleza, Belém do Pará e Porto Alegre.

Há quem justifique a opção pelas coleções, na linha editorial, por serem economicamente viáveis. Conferem redução de custos (criação da capa, formato, papel, etc.), por isso, são elaboradas em menos tempo e apresentam fácil visualização e identificação do produto nas prateleiras. Além destas “vantagens” existiam certos obstáculos na escolha dos títulos, como por exemplo, a limitação dos gêneros, os títulos homogêneos, o gosto do consumidor, etc. Com certeza, o fator gráfico influenciou, mas não justificava ser um investimento seguro; pois, se assim o fosse, todas as editoras fariam das coleções o princípio de seus catálogos.

## 5. AS PUBLICAÇÕES: PLANETA DAS COLEÇÕES

No Dicionário Aurélio (Ferreira, 1986: 121) a palavra coleção é apresentada como “conjunto ou reunião de objetos da mesma natureza ou que têm qualquer relação entre si”. Para Henrique Bertaso, o filão editorial das coleções era uma grande oportunidade com mais acertos que erros. Coleções que traziam uma relação entre si; essa foi a linha editorial escolhida por ele para constar no catálogo da Editora. Henrique Bertaso costumava consultar a revista americana especializada *Publisher’s Weekly* e, provavelmente, inspirou-se em alguns comentários para selecionar autores a serem traduzidos pela Globo.

Durante sua gestão, foram criadas várias coleções, cada uma delas tentando abranger, dentro do espírito da indústria do livro, um determinado público consumidor e suas demandas. A essas coleções de obras produzidas pelo campo erudito – quando pressupõem a leitura através de códigos vigentes no campo – pertencem: a Biblioteca dos Séculos e a Coleção Nobel, ou publicações isoladas, como é o caso de Contraponto, de Aldous Huxley. Nas demais, a preocupação com o código vigente no campo de produção erudito é quase inexistente.

Relacionamos a seguinte listagem das coleções da Editora Globo: Coleção Amarela, Biblioteca dos Séculos, Coleção Catavento, Coleção Clube do Crime, Coleção Espionagem, Coleção Documentos de Nossa Época, Coleção Globo, Coleção Nobel, A Novela<sup>2</sup>, Coleção Tucano, Coleção Universo e Coleção Verde.

## 6. BIBLIOTECA DOS SÉCULOS

Talvez contagiado pela mania das coleções de Henrique Bertaso, tenha ocorrido a Érico Veríssimo sugerir a existência de uma outra. Foi dele a idéia

de criar uma coleção de clássicos, que contaria com autores consagrados pelo tempo. Deveria também ser bem econômica, já que por não exigir direitos autorais, todas as obras seriam de direito público. Foi criada, então, a Coleção *Biblioteca dos Séculos*, com a obra de Charles Dickens, Maupassant, Stendhal, Tolstói, Balzac, Poe, Voltaire, Swift, Mérimée, entre outros. Entre a produção destacamos: *A comédia humana*, *Guerra e Paz*, (2 volumes, tradução de Gustavo Nonnenberg) e a *Obra Completa* de Edgar Allan Poe, (tradução de Oscar Mendes e Milton Amado).

A Globo publicou outras linhas editoriais fora das coleções: encontramos livros didáticos (gramática, psicologia pedagógica, contabilidade, aritmética etc), a Enciclopédia brasileira Globo<sup>3</sup>, Linha infanto-juvenil (Andersen e Lewis Carroll) e autores brasileiros com ênfase em nomes locais como Mário Quintana e João Simões Lopes Neto.

Quando a discussão é o papel da tradução na tradição editorial brasileira, a princípio, todos os olhares se voltam para a Globo daquela época. É certo que ela ocupa uma posição privilegiada (assim fez por merecer) e de fato, o trabalho elaborado pela equipe foi de primeira instância. É importante salientarmos que a Globo não pertencia ao eixo Rio-São Paulo, centro do país, espaço facilitador da circulação e difusão do campo literário.

Érico aponta para a preocupação da Editora com o público consumidor médio, ao incentivar, não apenas a literatura de códigos da elite mas, também, a literatura de fácil acesso e assimilação, como o gênero policial, no qual identificamos a classificação de literatura secundária, menor, e não-canonizada.

O trabalho diferenciado, uma vez que se voltava para a seleção e publicação de textos fora do usualmente traduzido francês, fez da Globo, segundo Érico em *Solo de clarineta* (1974: 263), uma empresa inovadora do campo literário. Em seguida, Érico faz referência à importância da Globo na formação do público leitor: "criamos uma coleção – a Nobel – que haveria de exercer grande influência em várias gerações de leitores brasileiros".

## 7. O PROGRAMA EDITORIAL DA GLOBO: QUALIDADE NAS TRADUÇÕES

O final da década de trinta marcou o início das ações para uma política de qualidade nos serviços da Editora. Houve uma maior preocupação com o produto, uma vez que eles determinaram o investimento na linha das traduções, estas deveriam se apresentar como as melhores, alcançando espaço no campo literário nacional. Em 1937, houve uma preocupação e um investimento maior da Editora Globo em relação às traduções. Érico Veríssimo declarou abertamente esta indisposição em continuar com o amadorismo e a má qualidade nas traduções brasileiras: "era preciso fazer alguma coisa para corrigir esse terrível defeito" (Veríssimo, 1973: 50). Assim sendo, a empresa enviou seu primeiro representante à Feira de Leipzig, na Alemanha e, em 1940, contratou a equipe de tradutores com salário fixo.

Alguns nomes da equipe de tradução da Editora Globo são: Leonel Vallandro – Iniciou sua carreira de tradutor com os livros da *Coleção Amarela* e passou, em seguida, para a *Coleção Nobel* devido à fidelidade aos originais no estilo das suas traduções, um de seus trabalhos foi a lenta e laboriosa tradução do *Dicionário Inglês-Português*; Gustavo Nonnenberg – Trabalhou na tradução de *Guerra e Paz*, de Leon Tolstói e Mário Quintana – Debruçou-se sobre a tradução do *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust.

O processo de tradução do texto passava por, no mínimo, três etapas. A escolha destes profissionais abrangia a especialidade lingüística; o crivo de um conhecedor da língua original; e um especialista de estilo. O tradutor tinha à disposição uma biblioteca com dicionários e enciclopédias. Infelizmente, a equipe foi dissolvida em 1947.

## 8. NAS TRADUÇÕES, AS COLEÇÕES E SUAS PECULIARIDADES

Pelo menos duas coleções, a *Nobel* e a *Biblioteca dos Séculos*, foram bastante significativas para o cenário do sistema literário brasileiro, no que diz

respeito à linha das traduções. Na *Coleção Nobel* encontram-se tradutores do porte de Cecília Meireles, Érico Veríssimo, José Lins do Rêgo, Leonel Vallandro, Mário Quintana, Marques Rebello, e Sérgio Millet.

Faz parte da *Coleção Biblioteca dos Séculos* o clássico de Platão, *Os Diálogos*, que foi traduzido do grego para o português pelo professor Jorge Paleikat, Leonel Vallandro e o professor João Cruz Costa. Entre outros desafios, foram traduzidos Nietzsche – *Vontade de potência*, Rousseau – 3 volumes, incluindo o *Contrato social* e *O discurso sobre a origem e desigualdade entre os homens*; Montaigne – *Ensaio*; Aristóteles – a *Poética* e a *Metafísica*; Stendhal – *O vermelho e o negro* e *A cartucha de Parma*; Balzac – *A comédia humana*; Leon Tolstói – *Guerra e paz*. Maurício Rosenblatt passou a parte crítica e iconográfica de *A comédia humana* para o tradutor Paulo Rónai e para a obra de Proust, ele contratou para a tradução Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Nesta coleção também foram traduzidos pelo menos uns seis títulos do alemão.

Com alguns problemas de registro, a produção editorial da Globo conta com 2.830 títulos incluindo edições e reedições. As diferenças e divergências a respeito do número exato de títulos não chegam a ser muito significativas no sentido de desqualificar a importância editorial da Globo para a indústria do livro brasileira.

A tabela mostra a relação de títulos traduzidos pela Globo e a posição na indústria nacional do livro nos primeiros meses de 1940.

POSICÃO	EDITORA	TÍTULOS NOVOS
1º	Cia. Ed. Nacional	79
2º	Melhoramentos	36
3º	José Olympio	32
<b>4º</b>	<b>Globo</b>	<b>31</b>
5º	Pongetti	22

Fonte: Laurence Hallewell (In Torresini, 1999, p. 129).

## 9. PRODUÇÃO EDITORIAL

Segundo o Anuário Brasileiro de Literatura, entre 1938 e 1943<sup>4</sup> a Globo está entre as seis maiores editoras nacionais em termos de produção. Apresentando 36% de títulos no gênero ficção e 11% nos didáticos. O restante dos títulos distribuído em outras áreas que incluem os infantis, biografias e variedades. O gênero policial lidera a lista dos títulos mais editados e reeditados. Alguns títulos esgotaram-se em tempo menor que a expectativa, por exemplo, *A servidão humana*, de S. Maughan esgotou-se em 24 dias, No gênero ficção, temos *Olhai os lírios do campo* em 1938, que vendeu até 1982, um milhão de exemplares.

As outras cinco editoras que lideraram o mercado do livro nesta época foram: Cia Ed. Nacional/Civilização Brasileira, José Olympio, Francisco Alves e Melhoramentos. A Globo é a única a figurar fora do eixo Rio-São Paulo.

Sérgio Miceli (1979, nota 28, p. 90) comenta sobre as maiores editoras do país e sobre qual linha editorial cada uma delas se dedicava. Elaborou um quadro comparativo entre a relação das edições traduzidas e as de autores nacionais, para sustentar a hipótese de que as empresas com ênfase no livro didático possuem um maior percentual de autores nacionais. Neste estudo, a Globo se enquadra no grupo das empresas de maior número de traduções.

Em 1942 [...] a Francisco Alves, primeiro posto em livros didáticos, editou aproximadamente apenas uma tradução para cada dez livros de autores nacionais [...] Nesse mesmo ano, o volume de traduções editadas pela Cia. Editora Nacional igualou o de obras de autores nacionais; a Globo lançou 44 traduções e apenas 24 obras de autor nacional. Em 1943, a Freitas Bastos publicou apenas uma tradução; a José Olympio (43 traduções e

38 nacionais) e a Globo (41 traduções e 27 nacionais), até chegar ao extremo da Editora Vecchi, uma das mais dependentes da venda de obras de ficção, que imprimia tão somente um livro nacional para cada lote de onze traduções.

Utilizando-nos dos dados fornecidos por Miceli, chegamos à proporção entre as traduções e os autores nacionais publicados do país nos anos de 1942 e 1943.

Temos, por exemplo, na Francisco Alves em 1942, uma tradução para cada 10 autores nacionais publicados, já no setor editorial de ficções a Globo se classifica muito perto da Cia. Editora Nacional. Em 1943, a produção fica entre a José Olympio e a Vecchi. Do que se conclui que, conforme esses dados, a Globo posiciona-se, nos anos de 1942 e 1943, entre as empresas da indústria do livro com o maior número de traduções e com relação às edições de autores nacionais, numa produção superior em aproximadamente 51%.

Na parte de produção editorial, foram várias tentativas de investimento com o objetivo de baratear o custo, visando favorecer o público consumidor e as vendas. Cuidados com o tamanho da tiragem, preço final ao consumidor, direitos autorais, honorários de tradução, propaganda, capa das coleções, formato *pocket book*, pontos de venda e tipo de papel foram alguns dos itens eleitos. Cada coleção correspondia a uma característica e à demanda de um público determinado.

Érico Veríssimo atendeu às mais diversas demandas da literatura e da produção de entretenimento, como na *Revista do Globo*. Foi responsável, também, pela divulgação de autores com uma produção elaborada, tais como Virginia Woolf, Roger Martin du Gard e Thomas Mann.

À luz do passado, e desse estudo de caso, pode-se apreender efeitos no presente do sistema literário e, mais especificamente, a complexidade dos múltiplos interesses que regem o sistema do mercado editorial e a circulação da literatura brasileira nesse sistema. Dessa forma, se aponta para um estudo de tese, quando a investigação de elementos do mercado editorial precede de componentes da história do livro e da escrita.

Encerramos com uma citação de Heidrun Olinto ao aludir o estudo da literatura como um olhar que relacione teoria e prática, proposta de ação social postulada nas teorias das ciências empíricas. Ela aponta:

Dizer que a teoria só existe em função da prática e vice-versa é trivial, mas o que surpreende e seduz no projeto é o comprometimento simultâneo real com a razão teórica e a razão prática na tentativa de resgatar empiricamente as promessas da teoria e alterar a teoria em função dos resultados da análise prática (Olinto, 1989: 31).

## 10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Sonia Maria de. *De Agatha Christie a Marcel Proust: a edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930 – 1950) uma odisséia editorial*. São Paulo: ECA/USP. Dissertação (mestrado) – Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte, gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- CANDIDO, Antônio. “Érico Veríssimo de trinta a setenta”. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.) *O contador de histórias*. Porto Alegre: Globo, 1972.

- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz; USP, 1985.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920–1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.
- OLINTO, Heidrun K. (org.). *Ciência da literatura empírica: uma alternativa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- SCHMIDT, Siegfried J. *Sobre a escrita de histórias da literatura*. In: OLINTO, Heidrun K. *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.
- TORRESINI, Elizabeth W. R. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. Porto Alegre: Ed. da universidade, 1999.
- VERÍSSIMO, Érico. "Breve crônica duma editora de província". In: GONÇALVES, Robson (Org.) *O tempo e o vento: 50 anos*. Santa Maria: UFSM, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Solo de clarineta: memórias*. 3ª ed. Porto Alegre: Globo, 1974. v. 1.
- \_\_\_\_\_. *Um certo Henrique Bertaso*. Porto Alegre: Globo, 1973.
- ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

## 11. REFERÊNCIAS DE ACERVO

Acervo Literário de Érico Veríssimo (ALEV), integrante do centro de pesquisas literárias da PUCRS, Porto Alegre. Pesquisa realizada em outubro de 2002.

---

<sup>1</sup> Dirigiu a edição da *Comédia Humana*, de Balzac e gerenciou a filial da José Olympio.

<sup>2</sup> É discutível a inserção de *A Novela* como coleção, pois ela é considerada também como revista-livro.

<sup>3</sup> O dicionário foi iniciado em 1941. Foram em torno de 196 colaboradores.

<sup>4</sup> In: Sérgio Miceli (1979), p.81, Quadro IV – A produção das maiores editoras segundo o gênero (1938-1943). Fonte: Anuário Brasileiro de Literatura, Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti e Livraria Editora Zelio Valverde, 1939 a 1943.